

## Dossiê: Democracia para quê?

### *Democracy for what?*

Desde a redemocratização, o Brasil segue com os esforços de preencher os espaços de participação previstos na Constituição Federal de 1988. Os resíduos da ditadura militar no país, no entanto, permanecem. Não apenas nas instituições, mas também na formação dos cidadãos e na opinião pública. Temos visto a ruína de conquistas históricas e o avanço do pensamento conservador e reacionário no país.

O artigo “A transição política no Brasil: da abertura à Constituinte (1974-1988)”, de Pedro Fassoni Arruda, desvela os impactos deixados pela ditadura militar brasileira, ocorrida no período de 1964 a 1985, para o novo ordenamento jurídico, identificando aspectos antidemocráticos da Constituição de 1988. Rodrigo Estramanho de Almeida, em “Notas para reflexão sobre a doutrina política da Frente Negra Brasileira (1931-1937)”, analisa o nascimento da Frente Negra Brasileira (FNB), na relação com o espírito do tempo autoritário e modernizante dos anos 1930, avaliando as particularidades do referido movimento durante a Era Vargas.

Francisco Fonseca, Camen Pineda Nebot e Cristiane Kerches da Silva Leite, no artigo “Confluencias y disonancias de los impactos de las políticas neoliberales en América Latina y Europa: Brasil y España en perspectiva comparada”, avaliam o impacto da presença de ideias e práticas neoliberais no Brasil e na Espanha desde a década de 70. Marie Cuillerai, no artigo “O contra Hobbes de Pierre Clastres e de... Foucault”, resultante de conferência proferida em 8 de novembro de 2019, na Universidade Paris, faz uma avaliação teórica sobre as contribuições desses autores, considerando suas avaliações sobre o poder.

Homero de Oliveira Costa, no artigo “Coronavírus, democracia e o estado de exceção”, faz uma análise sobre a pandemia mundial causada pelo Coronavírus, à luz da obra de Giorgio Agamben, considerando suas concepções sobre o estado de exceção. Greiner Costa e Adriano Caetano Santos, em “Gestão pública nas cidades – exercício para a identificação de possibilidades para a vida pós pandemia”, complementam a análise anterior, oferecendo um conjunto de reflexões sobre o contexto pandêmico a partir de experiências em uma cidade de médio porte do Estado de São Paulo.

Tathiana Chicarino e Sebastian Ronderos, no texto “Entre a eliminação e o dissenso: soberanismo bolsonarista contra o *ethos* democrático” fazem uma avaliação crítica sobre o discurso de Filipe G. Martins, assessor do presidente da República, evidenciando a construção do discurso bolsonarista, em específico sobre a democracia. Claudio Luis de Camargo Penteadó e Brauner Geraldo Cruz Junior, no artigo “Ação política na internet na era das redes sociais”, desenvolvem uma análise sobre o uso das redes sociais em mobilizações políticas durante o processo de impeachment de Dilma Rousseff e as campanhas eleitorais que elegeram Jair Bolsonaro. Marcelo Burgos Pimentel dos Santos segue uma linha análoga

no texto “Movimentos de Renovação Política e a Participação Cívica no Brasil”, avaliando a emergência de movimentos da sociedade civil que propõem novas formas de participação e de representação política. Por fim, o artigo “Campanhas políticas em tempos de hiperpolítica: um ensaio sobre Peter Sloterdijk e a campanha de 2018”, de Igor Fediczko Silva e Rafael de Paula Aguiar Araújo, parte das ideias desse autor para avaliar o impacto dos algoritmos para o atual contexto tecnológico das campanhas eleitorais.

A Revista Ponto-e-Vírgula, com o dossiê “Democracia para quê?”, espera oferecer um conjunto de reflexões aos leitores que possibilite uma perspectiva crítica para os processos políticos que vimos enfrentando. Trata-se de encarar as dificuldades da democracia considerando um olhar para a história, para o contexto local e internacional, ponderando referenciais teóricos e os impactos que a tecnologia tem exercido em diferentes situações.

Boa leitura!